Reverberando memórias e histórias da população LGBTQIAPN+ da cidade de Parnaíba/ Piauí

WELLINGTON DE ARAUJO ALVES

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

RESUMO

Este estudo faz uma abordagem acerca das memórias museológicas da comunidade LGBTQIAPN+ consistem na preservação e exposição de objetos, documentos, relatos e experiências que representam a história, lutas e conquistas dessa população. Esses espaços museológicos visam valorizar a diversidade de identidades sexuais e de gênero, resgatando narrativas esquecidas e promovendo o reconhecimento, o respeito e a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ da cidade de Parnaíba-PI. Deste modo, a presente pesquisa tem como objetivo priorizar a realização do inventário para documentação do acervo do Grupo GUARÁ, com realização de entrevistas em profundidade e oficinas para edificar a linha da vida da instituição, realizou-se uma exposição e construiu-se um plano estratégico para a criação do Museu da Diversidade de Parnaíba, como um espaço de referência para a memória, história e cultura LGBTQIAPN+ na região. Como procedimentos metodológicos foi realizada uma pesquisa qualiquantitativa e para levantamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo a partir das publicações nos periódicos da CAPES dos anos de 2014 a 2024. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica baseada nas buscas eletrônicas nos sites da Scielo, Pubmed, Capes e Periódicos definidos, onde foram selecionadas 10 produções científicas para o levantamento de dados bibliográficos. Os resultados e discussões mostram que as intervenções nas memórias museológicas da comunidade LGBTQIAPN+ resultam na ampliação da visibilidade e no fortalecimento da identidade dessa população. Elas promovem a educação, combatem o preconceito e asseguram que a história e as lutas por direitos civis sejam reconhecidas. Isso favorece a inclusão, respeito das diversas experiências.

Palavras-chave: Espaços Museológicos, Lutas, Conquistas, Orientação Sexual, Identidade de Gênero.

ABSTRACT

This study addresses the museological memories of the LGBTQIAPN+ community, which consist of the preservation and exhibition of objects, documents, stories, and experiences that represent the history, struggles, and achievements of this population. These museum spaces aim to value the diversity of sexual and gender identities, rescue forgotten narratives, and promote the recognition, respect, and inclusion of the LGBTQIAPN+ community in the city of Parnaíba-PI. Thus, this research aims to prioritize the creation of an inventory to document the Grupo Guará collection, with in-depth interviews and workshops to build the institution's lifeline, held an exhibition, and built a strategic plan for the creation of the Parnaíba Diversity Museum, as a reference space for LGBTQIAPN+ memory, history, and culture in the region. As methodological procedures, a qualitative and quantitative research will be carried out and to collect data, content analysis was used based on publications in CAPES journals from 2014 to 2024. The methodology applied was bibliographic research based on electronic searches on the websites of Scielo, Pubmed, Capes and defined journals, where 10 scientific productions were selected for the collection of bibliographic data. The results and discussions show that interventions in the museum memories of the LGBTQIAPN+ community result in increased visibility and strengthening of the identity of this population. They promote education, combat prejudice and ensure that history and struggles for civil rights are recognized. This favors inclusion, respect and understanding of the diverse LGBTQIAPN+ experiences.

Keywords: Museum Spaces, Struggles, Achievements, sexual orientation, gender identity.

Reverberando memórias e histórias da população LGBTQIAPN+ da cidade de Parnaíba/ Piauí

WELLINGTON DE ARAUJO ALVES

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

INTRODUÇÃO

As memórias museológicas da comunidade LGBTQIAPN+ representam uma importante ferramenta para a preservação, valorização e divulgação das histórias, lutas e conquistas dessa população. Em um contexto social onde a marginalização e o apagamento histórico ainda são realidades enfrentadas por pessoas LGBTQIAPN+, os museus desempenham um papel fundamental na promoção de visibilidade, inclusão e respeito à diversidade.

Por meio de exposições, acervos e narrativas, essas instituições têm a oportunidade de reconhecer e celebrar as experiências vividas, promovendo uma compreensão mais ampla das contribuições culturais, artísticas e políticas dessa comunidade ao longo da história.

A construção dessas memórias nos espaços museológicos envolve a superação de desafios como a escassez de registros formais, a subjetividade dos relatos pessoais e o enfrentamento de preconceitos que ainda permeiam o ambiente cultural. Nesse sentido, a coleta de depoimentos, objetos e obras de arte que traduzem a vivência LGBTQIAPN+ é essencial para dar voz às subjetividades e ressignificar o patrimônio cultural com uma perspectiva mais inclusiva.

Essas memórias também são marcadas pela interseccionalidade, pois abrangem questões relacionadas a gênero, sexualidade, raça, classe e outros fatores que influenciam as vivências individuais e coletivas.

Portanto, iniciativas museológicas focadas na comunidade LGBTQIAPN+ não apenas resgatam histórias muitas vezes negligenciadas, mas também fortalecem a representatividade e incentivam a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao reconhecer e documentar essas vivências, os museus não só preservam a história, mas também inspiram novas gerações a lutar por direitos e a celebrar a pluralidade de identidades. Assim, as memórias museológicas dessa comunidade tornam-se instrumentos poderosos para transformar narrativas históricas, promovendo inclusão e valorização em todas as esferas sociais.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

A pesquisa tem como objetivo geral: Salvaguardar a historicidade do Grupo GUARÁ e LGBTQIAPN+ de Parnaíba (PI), e como específicos: Organizar a XVI Semana da Diversidade de Parnaíba e Parada LGBTQIAPN+, Inventariar as memórias LGBTQIAPN+ de Parnaíba (PI); Montar a exposição museológica "Resistir & Existir" sobre o Grupo GUARÁ e a diversidade de Parnaíba (PI); Edificar um documentário em vídeo sobre os 20 anos do Grupo GUARÁ; e Apresentar plano estratégico para a criação do Museu da Diversidade de Parnaíba, como um espaço de referência para a memória, história e cultura LGBTQIAPN+ na região.

As memórias museológicas da comunidade LGBTQIAPN são fundamentais para preservar, valorizar e dar visibilidade às histórias e lutas dessa população, muitas vezes silenciadas ou marginalizadas ao longo da história. Museus e espaços de memória desempenham um papel essencial ao registrar narrativas de resistência, diversidade e conquistas, permitindo a construção de identidades coletivas e fortalecendo a representatividade.

A inclusão dessas memórias no campo museológico promove diálogos interculturais e estimula o respeito à pluralidade. Além disso, contribui para a educação de gerações futuras, desafiando preconceitos e desconstruindo estigmas. Trata-se de um ato político e cultural que reafirma a importância da equidade e da justiça social.

METODOLOGIA

Este artigo trás reflexões acerca da luta e resistência de uma Organização Não-Governamental que como tantas outras de nosso país visa levar cidadania a uma determinada parcela da sociedade, cumprindo seu papel com ações e atividades outrora deixadas pelo Estado. Em outras palavras, o GUARÁ é um Grupo composto de voluntários, mulheres e homens que por não sentirem-se instisfeitos com as situações de discriminação têm erguido um diálgo em prol de si e de outros que também vem sofrendo com tal realidade.

Aqui usa-se uma metodologia carcterizada como qualitativa, pois são as vivências, a trajetória, as experiências, as reflexões interpretadas que serviram e servirão de subsídio para

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

ampliar os diálogos em prol de conquistas. As experiências obtidas têm proporcionado um lugar de destaque ao GUARÁ, o conhecimento adquirido o faz estar presente não apenas na luta LGBTQIAPN+, mais à frente de outros embates como a luta pelo fim da violência que as mulheres sofrem, o racismo, outras desiguladades sociais que até certo tempo não se pensava que fosse também uma luta nossa, porém o passar das duas décadas e ao atravessarmos ao século XXI nos foi mostrando que as lutas embassadas em uma construção coletiva e dinâmica são extremmente necessárias, na verdade inseparáveis, não nos deixando neutros diante de pautas também afirmativas e históricas.

Esta pesquisa se inscreve no campo da abordagem qualitativa, cuja ênfase está na compreensão profunda dos fenômenos sociais, culturais e subjetivos a partir das experiências dos sujeitos envolvidos. O foco principal é registrar, interpretar e valorizar as memórias e histórias da população LGBTQIAPN+ da cidade de Parnaíba/PI, contribuindo para a visibilidade e preservação dessas narrativas no campo da museologia social.

Os critérios de seleção das fontes se pautaram em uma amostragem intencional, priorizando sujeitos que desempenham ou desempenharam papéis relevantes na trajetória da comunidade LGBTQIAPN+ local — como militantes, artistas, educadores, ativistas culturais, lideranças religiosas progressistas, entre outros. Considerou-se, ainda, a diversidade de identidades de gênero, orientações sexuais, faixas etárias e contextos sociais, a fim de garantir um recorte representativo das múltiplas vozes que compõem essa população. Os participantes foram contatados por meio de redes de articulação comunitária, grupos de militância e indicações em cadeia, respeitando-se o critério ético da anuência voluntária e o sigilo identitário, conforme as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CNS/CONEP).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas com o consentimento prévio dos(as) participantes, além de observações em espaços de sociabilidade e documentos de cunho pessoal e institucional (como fotos, cartazes, materiais de eventos, publicações em redes sociais e registros de manifestações públicas). O processo de análise adotou a análise temática (Braun & Clarke, 2006), buscando identificar

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

padrões de sentido recorrentes nas narrativas sobre vivências, exclusões, resistências e pertencimentos.

A postura da pesquisadora/pesquisador é assumidamente implicada e reflexiva, reconhecendo-se o lugar de fala e o compromisso ético e político com a valorização das histórias silenciadas. Assim, a metodologia se ancora em princípios da pesquisa crítica, decolonial e colaborativa, em que o sujeito da pesquisa é reconhecido como produtor ativo de conhecimento.

A construção teórica desta pesquisa dialoga com autores(as) que pensam a museologia para além da institucionalização tradicional, destacando o potencial afetivo, político e educativo dos museus comunitários e das práticas de memória como formas de resistência. No campo da museologia social brasileira, destacam-se os trabalhos de Mário Chagas (2003, 2017), que compreendem o museu como território de afetos e de luta por direitos, e de Cristina Bruno e Cristina Freire, que apontam para uma museologia comprometida com a pluralidade de narrativas e com a escuta das minorias.

A fim de enriquecer a discussão, incorporam-se também referências internacionais que abordam especificamente a museologia LGBTQIAPN+, campo ainda em consolidação, mas com expressivas experiências que articulam memória, gênero, sexualidade e representatividade. Amy K. Levin (2010), por exemplo, discute como museus podem (ou não) representar a diversidade sexual e de gênero em suas narrativas e acervos. Já Richard Sandell (2017), em *Museums, Moralities and Human Rights*, propõe que os museus sejam espaços morais que defendam os direitos humanos por meio da inclusão ativa de histórias marginalizadas.

Outros exemplos relevantes incluem o projeto "Queering the Museum" (EUA), que busca reconfigurar práticas curatoriais tradicionais a partir de uma perspectiva queer, e o Museum of Trans Hirstory and Art (MOTHA), que problematiza o lugar das histórias trans nos museus e propõe novas formas de ativismo museológico.

A interlocução entre esses referenciais teóricos e a realidade local de Parnaíba/PI permite pensar em uma museologia que seja afetiva, comunitária, insurgente e plural, que não

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

apenas expõe objetos, mas que reverbera vozes, corpos e memórias que historicamente foram invisibilizados nos discursos oficiais.

É importante acrescentar que com a trajetória que o GUARÁ traz e a quantidade de eventos realizados pelo mesmo e outras como parceiro, o coloca na situação de destaque, ambora neste percursso alguns membros não podessem acompanhar a instituição até os seus vinte anos de fundação, ou também tivéssemos perdar, o que por outro lado também não o fez prosperar ainda mais, neste sentido exprime-se a manifestação de insastifação, fragilidade e não acessibilidade a mais conquistas, essa é uma falha política do Grupo, se falássemos aqui apenas de vitórias de conquistas seríamos iverídicos, tal situação é colcada também para expor que como qualquer instituição social tivemos e teremos erros, porém como saberíamos se aimos acertar se não ousessemos? Foi preciso experienciar para ver o que poderia dar certo ou não. Neste caiminho estamos tendo que nos fazer mudar e evoluir de acordo com as necessidades de nossa população.

Outra situação que é importante destacar é a questão política de conquistas da instituição, a busca de apoio por meio de advocacy e asseguarar algo que possa se efetivar pelo ponto de vista da luta, como a ampliação de políticas públicas, quanto também por algo que possa vir a ficar como um legado fixo, ou seja, aqui falamos da porposta de termos um museu da diversidade, não apenas no papel, mas também em construção, a partir de um espaço, onde objetos virão a preservar nossas identidades e memórias, no entanto essa luta para termos este local que resgnifique a identidade de nossa população, o GUARÁ entende que um museu da diversidade traria à Parnaíba, uma experiência inovadora, pois centralizaríamos nele as discussões sobre memória, a realização de atividades culturais, educativas num formato diferente, trazendo ao interior do estado a oportunidade fixamente estarmos abordando a temática do respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero, em diálogo com outras expressões/ minorias que também necessitam de espaços para convivência e preservação de suas memórias, assim alargaríamos um diálogo. Essa pauta já foi tocada em discussão com os gestores que estiveram à frente da secretaria de estado da

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

cultura, porém percebeu-se um desinteresse, os argumentos apresentados foram tanto pela alegação de ausência de recucuros, quanto também quanto porque pelo fato político partidário não comungavamos dos mesmos interesses em algumas eleições. Essa é uma situação preocupante e injusta, em razão da não aprovação de alguns de nossos projetos, alegamos que essa é uma estratégia até covarde, porém este é o modelo de cartilha que temos no estado do Piauí, leu, tem apoio, não leu, a instituição é deixada de lado.

A implantação de um Museu da Diversidade LGBTQIAPN+ em Parnaíba/PI encontra barreiras que vão além das questões estruturais ou financeiras. Trata-se de um projeto que desafia diretamente normas sociais hegemônicas, marcadas pela heteronormatividade, pela cisgeneridade compulsória e, em muitos casos, pelo conservadorismo presente no imaginário coletivo. A resistência institucional, a falta de políticas públicas voltadas à memória da população LGBTQIAPN+ e a ausência de reconhecimento oficial desses sujeitos como protagonistas históricos contribuem para a invisibilidade de suas narrativas. Além disso, em contextos políticos adversos, há ainda o risco da patrimonialização ser usada como forma de controle ou esvaziamento simbólico dessas experiências, o que exige atenção crítica à forma como o museu é concebido e gerido.

No plano social, observa-se a persistência de discursos discriminatórios e de preconceitos estruturais que dificultam tanto a aceitação da iniciativa quanto o envolvimento mais amplo da comunidade. A criação de um museu com essa temática pode ser interpretada por setores conservadores como uma ameaça à moral tradicional, o que gera pressões políticas, tentativas de censura ou retaliação institucional. Além disso, a fragilidade da articulação entre movimentos sociais, universidades, escolas e o poder público pode comprometer a sustentação do projeto a longo prazo. Diante disso, é fundamental que a proposta de museu seja acompanhada de ações educativas, processos participativos e estratégias de resistência que garantam a sua legitimidade como espaço de memória, denúncia e afirmação identitária. O enfrentamento dessas barreiras não deve ser ignorado, mas sim analisado criticamente como parte integrante da luta pela democratização do patrimônio cultural e da história LGBTQIAPN+.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

Para Boita e Baptista, quando questionados sobre: "museologia não tem sexo", a resposta trazida se esmiunça em preocupações que são permeadas por uma série de situações emblemáticas e estão dentro da cultura da popoulação LGBTQIAPN+, quando se fala em cultura dessa população não é tentando explicar como eles/elas criam padrões para o lazer ou entretenimento, mas sim, como estratégias para dar a si próprios a liberdade de viver em um mundo onde precisam aprender a andar "pisando em ovos", qualquer atitude dos membros dessa população pode por vezes ser interpretada como uma forma de assédio, imoral ou ilegal, o que os faz ter que viver em padrões tidos como heteronormativos. Mas voltando ao assunto da "museologia sem sexo", (Boita e Baptista, 2022) apontam sete características básicas que são trazidas em resumo. É um grupo de pessoas que mostram-se diferentes dos padrões tidos como normais, estes vêm com características da sua própria história e isso é algo peculiar, suas historicidades, memórias, patrimônios é uma luta comum. O pertencimento a sua realidade é algo inatigível, não se permitem dominar por políticos demagogos, ideologias religiosas, de ONGs elitistas ou facções, colaboram com inúmeras pesquisas acadêmicas. A sigla LGBT está ligada às diferentes manifestações de lutas por políticas públicas, assim, intenciona-se a manter a museologia ao campo dos direitos jurídicos-políticos, interessando-se sobretudo a busca por cidadania para aqueles que estão à margem da sociedade e com direitos sendo negados. É uma museolgia popular, próxima dos que estão nas preriferias, nos *guetos*, nas comunidades, não caracterizada pelos brancos, mas pelos de cor negra, parda, indígena, longe de gastos elevados, a custumização e reciclagem são ideias que continuamente se buscam experimentar. Outra realidade dessa população são as características de luta comum, como o direito à memória é também um direito a vida dos que continuam a fazer história, unir o povo com suas diferentes nuances é fazer com que este mesmo povo permaneça lutando por justiça social, respeito e por menos desigualdades, minimizando a subordinação de raça, gênero, classe, etc. Pensando sobre o questito de vulnerabilidade, a museologia integra a museologia social ou a sociomuseologia, sem esquecer que existe a fobia à diversidade sexual comum aos museus que cercada por padrões de exclusão insistem em deixar de fora os que ousam discutir a museologia a partir de fragmentos sociais de uma

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

comunidade como a nossa, tal atitude é observada com atenção, pois os últimos anos que nosso país viveu tendo a frente um presidente que punia a quanlquer manifestação da nossa população, o que é visto com preocupação, o que ficou desse "legado"? As consequências de uma história de dor com muitas vidas perdidas em decorrencia da LGBTfobia. Indo para a conclusão dessas discussões aprentamos um leque de possibilidades do que pode se sonhar com o futuro meseu da diversidade do Piauí, adjtivados por expressões que certamente irão dar um ar de luta, articulação e também organização de uma casa comum, onde as multiplas expressões possam ser apresentadas sem medo de serem felizes.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Criação e evolução do Grupo GUARÁ como instituição LGBTQIAPN+

A Criação e evolução do Grupo GUARÁ como instituição LGBTQIAPN+ em Parnaíba - Piauí, se confunde com minha própria história de vida. Para narrar a história desse grupo farei aqui um relato de como os fatos ocorreram segundo minha perspectiva.

Início esta história trazendo um fato que carrego, isso talvez irá comigo até a velhice. Voltei ao ano de 1996, quando ingressei no grupo de jovens da Pastoral da Juventude (PJ), no Grupo Jovens com Esperança Fraterna em Cristo (JEFC). Sempre gostei de me integrar a grupos de arte, cultura, dança e teatro, fiz parte do balé de Parnaíba como dançarino no espetáculo Mundu Ladino, interpretei importantes personagens das Via Sacras do grupo Perseverantes do Espírito Santo (PES). No ano 2000 teve a coragem de montar, coordenar e dirigir a primeira Via Sacra na comunidade Santa Ana, hoje paróquia, nesta época colabora também na Pastoral da Criança. Minha passagem nos movimentos pastorais foi bastante significativa para a compreensão não apenas religiosa, mas também social e de uma evolução que alcançava ao integrar os vários movimentos.

Tenho visto que tanto para mim quanto a outros adolescentes e jovens de nossa época, os ensinamentos obtidos ali nos proporcionaram uma aprendizagem bastante significativa,

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

bem como também a possibilidade de ver outros jovens sem esperança adentrar num espaço que lhes trazia um conforto e perspectiva de dias melhores.

Um fato chocou o Brasil no ano de 1996: o massacre de Eldorado dos Carajás, no estado do Pará, onde 19 sem terras foram mortos por policiais militares, impossível esquecer as mobilizações da Igreja Católica, na época o que mais me abalou foi um documentário reproduzido pelas coordenações diocesanas com o intuito de deixar a sociedade em alerta pelo que havia ocorrido; ali eu comecei a enxergar que minha vida religiosa e missionária tinha que ir além.

No final da década de 1990 os grupos de jovens estavam em uma fervorosa atuação, que era protagonizada pelos ensinamentos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e, consequentemente pela corrente da Teologia da Libertação, tínhamos em Parnaíba apenas três paróquias: da Graça, Fátima e São Sebastião.

Em uma formação organizada pela PJ, onde o tema era mais ou menos: como combater o homossexualismo, o ano era entre 1997/98, fui junto aos companheiros do JEFC e de tantos outros grupos para mais um evento que reuniria centenas de esperançosos jovens das mais distintas periferias parnaibanas, desta vez o evento era no bairro Portinho.

Após a oração inicial e dinâmicas de acolhida, enfim a esperada palestra, que seria proferida por um dos mais importantes coordenadores da PJ, na época, não tardou e logo o mesmo iniciou uma fala totalmente preconceituosa, segregadora e gayfóbica, foram minutos de intensa chateação, inquietação e insatisfação, por ver uma pessoa considerada tão importante para nós, se utilizar de um discurso tão truculento, odioso e sem nexo.

Eu nunca fui tão paciente e, assim como outros gays e lésbicas, ficamos horrorizados com tamanhas infâmias proferidas, como ali não havia e nem sei se há até os dias de hoje alguém que pudesse fazer para falar com aquele ignorante, tomei a fala e sem ter ou saber de que forma iria mostrar que o que ele dizia não passavam de um discurso de ódio velado, fui me colocando contrário, mesmo sem utilizar de nenhum recurso como o microfone e som disponível.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

O evento acabou e eu voltava para casa me sentindo um lixo diante da Igreja, a qual, por vezes, me sentia pertencente e acolhido, porém teve algo que era mais forte do que eu era, algo que não sei como identificar, mas que sempre me disse: "está na sua vez de falar, de protestar, ou mesmo de se recolher, dar um passo para trás, pois por vezes é necessário recuar, para posteriormente dar muitos outros passos".

Assim, cinco anos depois, o Grupo GUARÁ nasceu a partir da necessidade de haver uma instituição que pudesse estar pautando a discriminação, violência, cidadania e direitos humanos da população LGBTQIAPN+. Essa luta é iniciada quando o Brasil vive o medo da AIDS, ao mesmo tempo em que a LGBTQIAPNfobia ocorre de forma velada.

Mas, então o que é o Grupo GUARÁ? O Grupo Unificado de Apoio à Diversidade Sexual de Parnaíba – Piauí (GUARÁ). Uma Organização Não-Governamental sem fins lucrativos, fundada em 28 de outubro de 2003, por três amigos, que muito embora não fossem sexualmente assumidos, ainda assim se colocaram à disposição de criar uma entidade para pautar assuntos de relevância, mas que até então passavam despercebidos.

O GUARÁ, assim como vários outros grupos criados no Brasil, possui registro formal em cartório e também junto à Receita Federal, o que é de grande necessidade, pois com a burocratização que temos, é necessário estarmos anualmente declarando junto ao Ministério da Fazenda, pois todas as entidades com CNPJ estão submetidas à tributação de impostos.

Pelos registros informais, no estado do Piauí, fomos o quarto grupo criado, antecipado pelo *Free,* da década de 1960, e Matizes, ambos da capital Teresina e GRUVCAP, da cidade de Cajueiro da Praia. Em Parnaíba, depois do GUARÁ, outros grupos foram criados: Arco Íris do Delta, Liga de Lésbicas de Parnaíba, Boneca de Pano, Gay Pride, Acolhe Trans e Lesbi, destes apenas o último ainda existe.

A existência do Grupo GUARÁ, com mais de duas décadas de atuação, se revela importante para as memórias e histórias da população LGBTQIAPN+ em Parnaíba - Piauí. Com mais de vinte anos de criação, enfrentando os mais adversos momentos históricos locais e nacionais, permaneceremos ousados e de cabeças erguidas, cada passo dado é sempre um

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

sinal de que estamos firmes, embora por vezes dilacerados, mas com ânimo para prosseguir vívidos e fortalecidos.

Uma das ações pelas comemorações do Grupo GUARÁ foi realizar a exposição Resistir & Existir, a mesma ocorreu durante vinte dias no Museu do Mar localizado no Complexo do Porto das Barcas, com os seis tempos que abordaram os vinte anos de luta e quarenta e um anos da boate Pró-Álcool, temos sido pioneiros dentro do Estado do Piauí, de uma ação que veio apresentar a sociedade uma cultura e memória que precisam estar salvaguardadas e, posteriormente repassadas às gerações, como o marco de uma pesquisa, luta e coragem dos que tiveram a audácia de se organizar enquanto instituição, para cobrar das esferas governamentais uma política de registro, conservação, comunicação e pesquisa que nos traga a possibilidade de um patrimônio salvaguardado da nossa luta e resistência.

Abrir o diálogo com os diferentes atores, como tem feito o Grupo GUARÁ, por uma museologia que expresse boas práticas à diversidade sexual é se aproximar de uma ação que nos permitirá pensar nos museus sendo construídos em um formato que acolha e volte-se a outros sujeitos sociais, e não as classes dominantes e excludentes.

A literatura evidencia que a compreensão do que são museus ou para que estes devem servir, coloca-nos como sujeitos históricos, que democraticamente estão ocupando um lugar que anteriormente não se dedicava a criar símbolos tradicionalmente excluídos.

Nesse contexto, a criação do Grupo Unificado de Apoio à Diversidade Sexual de Parnaíba não se dissocia de minha própria trajetória de vida. Um dos fatos importantes para o surgimento do grupo ocorreu no ano de 2002, quando de uma visita a cidade de Cajueiro da Praia, uma cidade que na época tinha sete anos de emancipação política e que atraia muitos visitantes por ter belíssimas praias, como Barra Grande.

É importante acrescentar que no ano de 1995, tivemos a perda de um parente em decorrência da AIDS, consequentemente a viúva desse parente ficou acometida pelo vírus, o que me fez ficar envolvido com uma temática tão obscurecida para um adolescente com 16 anos que dali em diante e mesmo sem tantas informações passasse a ser um dos primeiros a se opor ao preconceito às pessoas soropositivas.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

A primeira vez que vi a sede do Grupo de Voluntários de Cajueiro da Praia (GRUVCAP) houve ali um encantamento ao vislumbrar o material gráfico produzido pelo Ministério da Saúde e que se voltava para a prevenção das DST/HIV/AIDS (na época a sigla era DST), no projeto de abrangência nacional chamado Somos, o mesmo ocorria como forma de capacitação e apoio às instituições existentes ou a outras que seriam criadas a partir de então. Este acontecimento instigou-me a engajar-me na criação de um grupo que pudesse representar a população LGBTQIAPN+ em Parnaíba - Piauí.

Imagem 02 – Membros fundadores do Grupo GUARÁ



Fonte: Alves, 2024.
Da esquerda para a direita: Renan Oliveira, Wellington Araújo e Áfrio Teles.

Além desse fato, em uma capacitação organizada pelo Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) em 2003conhecemos importantes lideranças nordestinas, como a primeira advogada travesti do país a obter a carteira da OAB, Janaina Dutra, Chico Pedrosa, gay HIV+,

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

baluarte na luta contra a epidemia da AIDS, Luiziane Lins, membro do PT, que já fazia uma campanha pela prefeitura de Fortaleza e, posteriormente foi eleita.

Após esse encontro, o retorno a Parnaíba nos emocionava por aqueles dias de grande aprendizado e envolvimento, não parávamos de pensar como seria a instituição que viria a ser uma das primeiras do estado do Piauí, à frente das discussões sobre o respeito à livre orientação sexual. Em menos de um mês já havíamos decidido várias situações sobre a criação do nosso Grupo, entre as quais o nome do mesmo: GUARÁ. Mas, por quê GUARÁ? Renan e eu havíamos integrado o balé de Parnaíba, nos anos 1990, entre as várias apresentações do mesmo tinha a dança da ave guará, ela que como muitas outras espécies, a fauna e a flora, lutam pela sobrevivência, resolvemos dar este nome, até porque quase ninguém falava na época sobre ela, uma das relíquias do Delta do Parnaíba, assim os três ousados amigos: Áfrio Teles, com 28 anos, Renan Oliveira com 19 anos e Wellington Araujo com 24 anos, criamos o Grupo GUARÁ.

Imagem 03- Uma das primeiras reuniões do Grupo GUARÁ



Fonte: Alves, 2024.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

O Grupo GUARÁ é uma Organização Não-Governamental (ONG), sem fins lucrativos, fundado em 28 de outubro de 2003. O mesmo tem como missão: atuar pela promoção da cidadania, direitos humanos e prevenção às ISTs/ HIV/ Aids e hepatites virais, junto à população LGBTQIAPN+(Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Assexuais, Pansexuais e Não-binários). Com o passar dos anos, temos acrescentado em nosso estatuto social letras de acordo com as diferentes demandas que vêm surgindo.

Imagem 04 - Eleição do Grupo Guará



Fonte: Alves, 2024.

A imagem acima mostra a presidente do Grupo, Leticia Carolina, mulher trans, negra e professora da Universidade Federal do Piauí, que tem se destacado como uma das principais transexuais no Brasil à frente do campo acadêmico.

No ano de 2023 o Guará completou 20 anos de existência, ao longo de duas décadas, a instituição tem pautado importantes assuntos dentro das esferas governamentais como reconhecimento das suas ações.

No ano de 2023ocorreu a XVI Semana da Diversidade, a Parada e a IX Mostra Esportiva e Cultural LGBTQIAPN+. O GUARÁ vem adquirindo vários títulos, entre os quais: os de utilidade pública municipal e estadual, o mérito legislativo na câmara de

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

vereadores de Parnaíba e na Assembleia Legislativa do Estado do Piauí (ALEPI), menção de louvor pela organização e realização das semanas da diversidade e paradas LGBTQIAPN+.

CONCLUSÃO

As memórias museológicas da comunidade LGBTQIAPN+ representam um instrumento poderoso de resistência, reconhecimento e celebração das vivências dessa população ao longo da história. Museus, arquivos e iniciativas culturais têm desempenhado um papel crucial ao preservar narrativas frequentemente marginalizadas, garantindo que histórias de luta, conquista, dor e alegria não sejam apagadas pelo tempo. Ao trazer essas memórias à tona, cria-se um espaço de pertencimento, onde as identidades LGBTQIAPN+ são legitimadas e valorizadas.

Esses esforços não apenas promovem a visibilidade, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva e informada, desafiando preconceitos e estigmas. Além disso, ao conectar gerações, as memórias museológicas fortalecem o senso de continuidade histórica, essencial para inspirar novas formas de ativismo e solidariedade.

Por meio da curadoria participativa e da valorização das vozes da própria comunidade, esses projetos ampliam o diálogo sobre diversidade e equidade. Preservar memórias LGBTQIAPN+ é, portanto, uma forma de justiça histórica, reconhecendo a pluralidade de experiências humanas e garantindo que as contribuições dessa comunidade sejam lembradas e celebradas. Assim, museus tornam-se agentes transformadores, promovendo o respeito à diversidade e à dignidade de todos.

REVISTA MEMÓRIA LGBT ISSN 2318-6275 V.11 N.2 ANO 2025

REFERÊNCIAS

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: LARA, M. L. G.; SMIT, J. W. (org.) Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. São Paulo: **Escola de Comunicação e Artes/USP**, 2010. p. 87-103.

BRÄSCHER, M; CAFÉ, L. Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 3. p. 25-51, 2011. Disponível em: https://doi.org/ 10.5433/1981-8920.2011v16nesp.p25. Acesso em: 04/12/2024.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museu, Memória e Poder**. Revista Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 33–42, 2008.

CHAGAS, Mário de Souza. **Afinal, o que é museologia social?** In: MENESES, Ulpiano Bezerra de; MONTEIRO, Maurício (org.). Museus, Museologia e Patrimônio Cultural: entre práticas e saberes. São Paulo: Ibram / Comitê Brasileiro do ICOM, 2017. p. 207–216.

COSTA, E. S. "**Com quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje**": o Ministério da Cultura, na gestão Gilberto Gil, diante do cenário das redes e tecnologias digitais. 2011. Dissertação (Mestrado) - Curso de Bens Culturais e Projetos Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

DUQUE CARDONA, N. ¿Ciencia de la información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la ciência de la información en el contexto universitário. In: DUQUE CARDONA, N.; SILVA, F. C. G. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha, 2020. p. 45-72.

ESTEBAN NAVARRO, M. A.; GARCÍA MARCO, F. J. Las primeras jornadas sobre organización del conocimiento: organización del conocimiento e información científica. **Scire**, Zaragoza, v.1, n.1, p.149-157, 1995. Disponível em: http://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/1038/1020. Acesso em: 04/12/2024.

FARIAS, M. C. Q. S. **Uma semiótica da cultura para organização do conhecimento**: bases teóricas e diretrizes de análise. 2019. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade

Estadual Paulista, Marilia, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181528. Acesso em: 04/12/2024.

FLOR, T. O. et al. Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, 6., 2021. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize, 2021.

FREIRE, Cristina. **Museologia e práticas artísticas contemporâneas: intersecções políticas**. Revista Museu, v. 8, n. 2, 2021.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. Transinformação, **Campinas**, v. 18, n. 2, p. 103-112, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tinf/a/49xzkXKxWSbxPRCKx6RfX8t/abstract/?lang=pt. Acesso em: 04/12/2024.

GUARNIERI, W. R. C. Museologia e identidade. In: BRUNO, M. C. O. (org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo, **Pinacoteca do Estado**: 2010. v. 1, p. 176-185.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. Feminist **Studies, Maryland**, v. 14, n. 3, p. 575- 599, 1988. Disponível em: https://doi.org/10.2307/3178066. Acesso em: 04/12/2024.

LEVIN, Amy K. (ed.). **Gender, Sexuality and Museums: A Routledge Reader**. New York: Routledge, 2010.

SANDELL, Richard. **Museums, Moralities and Human Rights**. London: Routledge, 2017.

Original recebido em: 04 de junho de 2025

Aceito para publicação em: 7 de agosto de 2025